

SEXTA-FEIRA

30
NOVEMBRO
1934

Alma Popular

Jornal republicano, li-
terário e noticioso,
defensor dos inte-
rêsses do concelho
d'Oliveira do Bair-
ro e da região bair-
rada: radina: ::::

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

ECOS

1.º de Dezembro

PORTUGAL tem nas pá-
ginas da sua História nu-
merosas datas escritas a letras
de ouro.

Porém, uma das mais glorio-
sas para o sentimento patrióti-
co do povo português é, inega-
velmente, a do Primeiro de
Dezembro de 1640.

Ou não marcasse ela o termo
do jugo castelhano, o fim de 60
longos anos de cativo, a que-
bra das ignóbeis algemas filipi-
nas, a reconquista, enfim, da
sua Independência.

Faz amanhã 294 anos.

Salve Primeiro de Dezem-
bro!

Viva a Liberdade!

Viva Portugal Independen-
te!

A FEDERAÇÃO

DAS várias regiões vinhatei-
ras abrangidas pela F. V.
C. S. P. tem sido enviadas re-
presentações aos poderes públi-
cos, solicitando protecção para
os vinicultores, alarmados com
as excessivas exigências que lhes
foram feitas recentemente e que
este jornal esclareceu no seu úl-
timo número.

Não sabemos se as suas recla-
mações serão atendidas, como
nos parece de toda a justiça que
o sejam.

A Federação foi como que um
remédio a aplicar à doente — a
Viniçultura. Por isso a receberam
com geral benevolência. Ora, tor-
nando-se o remédio ineficaz, per-
nicioso, é caso para dizer: — Não
se morre da doença, mas sim da
cura...

Não pode ser! Pelo menos,
não deve ser!

ANDORINHAS

INFORMARAM os diários que
se repetiu este ano o drama
das andorinhas que, enganadas
pelo prolongamento do verão, se
viram subitamente assaltadas pe-
lo mau tempo, quando se dispu-
nham a emigrar. Milhares de an-
dorinhas tomaram na Baviera,
devido ao frio e ao cansaço. O
gêlo em breve as mataria, se a
Sociedade Protectora dos Ani-
mais não tivesse dirigido um apê-
lo aos camponeses, pedindo-lhes
que recolhessem as aves em pe-
rigo e as entregassem em deter-
minados pontos, donde, depois,
foram transportadas em aeropla-
nos até à beira do Adriático. Ai,
soltas, tomaram a direcção da
África.

Pobres andorinhas!

MORTOS... VIVOS

NA República lemos, há dias,
notícia de, nada menos, tres
mortos... vivos.

Um, José Martins Folgada, de
Vila Cova, quando o estavam pa-
ra enterrar, fugiu a sete pés da
câmara ardente. Outro, na ilha
de Ceilão, abriu a urna e saiu

Venham os nomes

As discussões feitas com
elevação, sinceras, com
aprimo, escritas com fra-
seado limpo e correcto,
agradam sempre, mesmo
confundem o adversário.
Mas, infelizmente, o que
se vê em conhecidas tubas
jornalísticas, é precisa-
mente o contrário.

Ainda há pouco um co-
nhecido diário, que tem
timbrado por atacar quem,
presentemente, não lhe
pode responder condigna-
mente, alinhou números
representativos de fabulo-
sas quantias, misturando
palavrões afrontosos para
quem passou uma vida
sem mazelas, não defrau-
dando aos particulares ou
ao Estado um único cen-
tavo. Essa afronta atingiu
centenares de cidadãos
que, embora militando em
partidos políticos antes do
28 de Maio, não é motivo
para se apelidarem de ga-
tunos, de ladravazes, sem
que lhes mencionasse os
nomes, ficando, assim, de
pé uma afronta para quem
passou uma época de in-
conscusa honestidade.

José Relvas disse, por
vezes: — «Onde estiver um
puro e sincero republicano,
está um homem de
bem».

Impõe-se, pois, que se
diga quem foram os gatu-
nos dos abastecimentos.
Deve esse jornal mandar
imprimir em grandes nor-
mandos os nomes dos la-
dravazes, como se faz nos
cartazes-reclamo das tou-
radas. Isto é uma necessi-
dade, para que não se aper-
tem as mãos a indivíduos
que serão tudo menos re-
publicanos; e, assim, o
país ficará sabendo quem
o roubou.

Para acusar é preciso

da sepultura a gritar que estava
vivo. O 3.º caso registou-se na
cidade espanhola de Santander,
e é assim relatado:

«Quando iam a enterrar o ci-
dadão Aulano Giron, que se di-
zia ter morrido duma pneumo-
nia, o pretendido cadáver come-
çou a abrir os olhos e a mexer
as mãos e as pernas. Depois,
alarmado com o que via, grito-
u:

— Então, já querem enterrar-
me?

Foi um pavor. Fugiu o padre,

autoridade. Para acusar é
necessário haver dados.
Havendo dados, sabendo
quem foram os gatunos
dos abastecimentos, e não
lhe dizendo os nomes, pre-
tendendo atingir todos os
homens dos partidos antes
do 28 de Maio, repetimos,
é uma afronta aos homens
de bem.

Fazer tanta gritaria, sem
contudo dizer quem são
os gatunos, é uma covardia
sem nome e faz-nos re-
cordar e dito de um velho
tesoureiro da Fazenda Públi-
ca, que, com graça, conta-
va o seguinte: — Por ve-
zes, fazia a transferência
de fundos, não por inter-
médio do correio, mas sim
por um portador, um in-
divíduo que passava por
gatuno. Alguem, admira-
do, perguntava: Mas você
caía nessa? Porque não?
Há gatunos que querem
passar por homens sérios
e honestos. Pois o meu
portador era um deles. Uma
vez foi acusado de ter rou-
bado 2.000\$00. Foi chama-
do a responder. Sabeis
quem êle deu como teste-
munhas de defesa? A mi-
nha pessoa e o meu pro-
posto. Estão a vêr. No dia
do julgamento grande sen-
sação no tribunal e maior
surpresa para o sr. juiz ao
abonarmos o bom compor-
tamento do réu, contando
o que fica narrado, con-
fiando-lhe, por vezes, mi-
lhares de escudos. O réu
foi absolvido!

Pois como havia de ser
condenado um homem
que, embora gatuno, algu-
mas vezes levou, foi por-
tador de muitos contos pa-
ra uma agência do Banco
de Portugal?

Tito.

fugiu o coveiro, fugiram os ami-
gos que o tinham acompanhado
à última morada, exclamando al-
guns:

— O morto ressuscitou!

— O morto ressuscitou!

Por sorte, houve um mais co-
raçoso, que retirou o homem do
caixão e o levou para casa, onde
continúa a curar a pneumonia».

Relógios de bolso, parede e
despertadores, estojos para brin-
des, etc., etc., vendem-se na Re-
lojoaria Neves.

Assinai e propagai a «Alma Popular»,
filhos da Bairrada!

DE LONGE...

Viva a República!

Mais um aniversário. Mais
um ano que a República Por-
tuguesa regista nas páginas
da sua história.

Bendita a revolução de 5
de Outubro de 1910, em que
um rei e uma dinastia derro-
caram sob os escombros dos
vários dissídios. Bendita a vi-
tória de 13 de Fevereiro de
1919, data em que foi pôsto
termo à traição monárquica.
Benditos, pois, todos os már-
tires e heróis da República
que, desde o 31 de Janeiro de
1891, sofrendo os mais duros
suplícios que a monarquia
lhes impunha, lutaram sem
um desfalecimento, propaga-
ram por toda a parte a De-
mocracia e rasgaram o vên-
 negro que ofuscava o sol da
Liberdade!

Portanto — Viva a Repú-
blica!

Ao comemorar o 24.º an-
iversário da República Por-
tuguesa, eu saúdo a *Alma Po-
pular*, na pessoa dos seus di-
rectores, pela passagem do
16.º aniversário desse impor-
tante baluarte da Democra-
cia, e cumprimento todos os
meus amigos e correligioná-
rios, desejando que a terra
dóce e amiga da Pátria os
una mais ainda em redor da
verde-rubra bandeira, junto
à qual, tão longe, estou liga-
do pelo coração!

A passagem desta data glo-
riosa, bailam sorrisos e pa-
lavras de amor em meus lá-
bios, mas há gritos de dor
que sulco em meu peito...
E, junto ao pedestal da está-
tua da Liberdade, na Améri-
ca, vendo raiar a sua luz bri-
lhante, repercutem-se no meu
coração os gritos que ouvi do
berço, na madrugada de 5 de
Outubro de 1910:

Pela Pátria!

Viva a República!

New York (América do Norte), 5 de Outu-
bro de 1934.

Hilário Simões da Costa.

Engrandece a tua pá-
tria sem praticares
nunca uma violência ou
uma injustiça, quere
se trate de estrangei-
ros, quere se trate de
nacionais. E' este o
teu dever, que esta se-
ja a tua obra de cida-
dão.

Norton de Matos.

Carta DE AVEIRO

28 de Novembro de 1934

A rua D. Jorge de Lencas-
tre é aquela rua ampla e are-
jada pelos ventos marinhos
que vai da igreja mater da
freguesia da Vera-Cruz até à
rua de S. Roque, e que em
1928, por ocasião das festas
do centenário da Liberdade,
recebeu o seu baptismo nomi-
nal. Devia por isso ser uma
artéria limpa, higiénica, co-
mo convinha aos seus mora-
dores, mas não é.

Num dos dias da ultima se-
mana, por acaso, passei ali.
Logo de entrada a minha pi-
tuitária acusou mau cheiro;
mas, distraído como ia, não
atentei no caso. Mas tendo de
voltar pela mesma rua, e
sentindo o mesmo fedido, que-
dei-me, sob o luar que brilha-
va em toda a sua plenitude, e
vi que na rua, humida pelos
despejos para ela lançados,
havia cabeças e tripas de
peixe em abundância, o que
era a causa do cheiro pestife-
ro que ali havia.

Então, querendo fazer-se
desta terra uma cidade de
atracção e turismo, ainda se
consente que certos morado-
res sejam assim tão porquei-
rões, sem respeito pelas pos-
turas municipais, sem res-
peito por ninguém? E todos
esses prédios tem um pe-
queno quintal e seu saguão
para despejos, quasi diári-
amente visitados pelos lavra-
dores que à cidade veem em
procura de estrumes. Mas a
rua é mais ampla... p'ros
despejos.

Já depois de escrita a
minha ultima carta, vi colo-
cados na Avenida mais tres
novos bancos, o que faz su-
por que, a par e passo que se
vão fazendo, assim vão sain-
do para embelezamento da-
quela artéria.

Como se anda proceden-
do ao calcetamento de certas
ruas, que disso estavam mui-
to precisadas pelo mau piso
que ofereciam a autos e a
peões, natural é que a rua
Antónia Rodrigues, que está
em lastimável estado, sofra
tambem radical reparação.

Lauro Côrado, que é,
como já disse e Aveiro o sa-
be, um artista laureado, ex-
pôs, como aqui se noticiou,
alguns dos seus quadros nu-
ma das melhores salas do
Museu Regional. Todos esses
quadros tem sido justamen-
te apreciados pelos que o co-
nhecem e admiram.

Eu já por mais de uma vez
disse aqui, neste jornal, que
é pena que os artistas avei-
renses não saíam da sua mo-

HORAS LÍRICAS

NOBREZA

Rôtos papéis de traça salpicados,
Vestês antigas, colchas preciosas,
Velhos escudos, lanças carunchosas,
Pálidos pergaminhos enrolados;

Mausoleus nas igrejas colocados,
Tradições quase sempre mentirosas,
Contos de velhas sobre acções gloriosas
Que foram pelos godos inventados;

Isto não é nobreza, é sim loucura,
Pois só têm os mortais um nascimento,
Uma passagem e uma sepultura.

Ninguém herda esplendor e luzimento,
E' só nobre no mundo quem procura
Ser nobre pelo bom procedimento.

JERÓNIMO JOSÉ DO AMARAL.



SONHOS DOIRADOS

Perdô-me, prima, por só agora te escrever. Os vários serviços que me estão confiados, o luto que me sobrecarrega e ainda o receio de te não encontrar aí, têm obstado a que o fizesse mais cedo, como era meu dever e também meu grande desejo. Todavia espero que o teu perdão me venha consolar, salpicando de sorrisos a alma que jaz mergulhada no abismo da inocência. Se assim acontecer, como espero, ficarei para todo o sempre crêdor da tua estima e da tua consideração.

Porventura, prima, não imaginas o quanto é penoso viver afastado dos que neste mundo nos são mais queridos, sem ter sequer a alimentar-nos a alma a esperança de voltarmos a ser felizes.

O teu afastamento, irremediável como todos nós sabemos, veio legar-me, com pezarosos encargos, uma dor que será difícil de extinguir. Para continuar a ter alegria tenho de passar uma esponja sobre o nosso passado. Dizem que tudo é possível neste mundo, e por isso pensei em te esquecer, julgando afastar

déstia, mal deixando ver o produto da sua imaginação e da sua técnica, furtando-nos assim a enternecedores momentos de gôso espiritual.

A exposição dos quadros do nosso conterrâneo despertou no público aveirense enorme curiosidade, pelo que foi muito visitada durante o tempo que se conservou aberta, recebendo o artista justas felicitações.

Começou no dia 25 a cumprir-se, cá no concelho, o horário do descanso dominical, pelo que naquele dia já estiveram os estabelecimentos fechados e os empregados em descanso.

Têm aparecido por aqui alguns cães sem apanha e sem coleira, passeando a cidade livremente.

Passou no dia 23 o dia natalício do nosso amigo, sr. José Vinício Caracol Meireles. Parabéns.

Também no próximo dia 5 de Dezembro faz anos o velho democrata, sr. Albano Coutinho, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

(Correspondente).

assim este horrível sofrimento que tanto me tortura a alma quasi esmiarrada pela dor. Não o consegui, e é essa a razão porque aqui me tens novamente a teu lado.

Este farrapo a que se chama vida foi, e há-de ser sempre assim.

Quería falar-te acerca de muitas coisas, mas para que fazê-lo, se com isso vou agravar tanto a situação dolorosa em que me encontro. Limite-me apenas a dizer qualquer coisa sobre o interessante baile na noite dos teus dezasseis anos. Essa noite, luarenta, tão calma e tão serena, parecia adivinhar que alguma coisa sobrenatural se havia de passar ante o pasmo dos nossos olhos. Era o baile — a satisfação do teu desejo.

O teclado do piano, maravilhosamente percutido pelas mãos extraordinárias da «Milu», emprestava à cena o quer que fosse de grande, de supremamente belo! Os pares entrelaçavam-se. E o bailar daquela mocidade radiosa, mais parecia o sublime encantamento da vida do que uma hora que passa sem mais voltar. Sentia-se o palpitar de muitos corações apaixonados, com seus ternos e sôfregos olhares. Que imensa alegria assaltava então os nossos corações!... Sim, será essa, para mim, daquelas noites que nunca esquecem, destas que deixam o vago e apeteçido sofrimento dum comunhão de amor que passou e que eu nunca mais, nunca mais tornarei a sentir...

Volvido mais um ano sobre o teu aniversário natalício, a noite, que um ano antes fôra risonha e bela, surge transfigurada no céu profundo, e a tonalidade plumbea das nuvens carregava o meu espírito dum triste imensa. A lua não brilhava no espaço, porque a encobria o luto da tua morte. O teu espírito tinha voado já através do infinito, idealizando sonhos que nascem e desaparecem num só instante!

Escuta-me:

Nesta mesma noite, que caía silenciosa e triste, sonhei muitas venturas, e vi pintadas várias fases da nossa felicidade; via-te sorrir e, por entre os teus lábios, divizavam-se êsses lindos dentes de marfim. Parece que ainda tenho nos olhos a tua imagem e nos ouvidos a tua maviosa voz. O tempo corria rápido, tão rápido como quilha leve em água mansa. Tinha-me então

esquecido inteiramente do Bem e do Mal que havíamos experimentado. Oh! quem sabe se eu nesse momento procurava desvendar o mistério do nosso atroz destino, que tão cedo nos apartou nesta vida! Acordei mergulhado ainda nesses pensamentos tão doces. E ao vêr, de novo, a realidade, voltaram a marejar-se-me de lágrimas êstes dois mortificados olhos.

Cercal, 29-11-934.

A. R.

A verdadeira imprensa tem o direito de reagir contra todas as tendências deletérias. E eu não chamo imprensa se não aquela que tem o sentimento da sua dignidade.

Clemenceau.

Da Barra de Aveiro

Em 23.

Chegaram ontem ao Centro de Aviação Naval de S. Jacinto dois hidro-aviões novos, de bombardeamento, que se destinam à substituição dos dois antigos existentes, que agora estão sendo abatidos por incapazes para o serviço. Tinham ultrapassado já o limite de serviço, pois que lhes não é dado voar além de 3 anos, para segurança pessoal. Informaram-nos em S. Jacinto, no Centro d'Aviação, onde estivemos de visita, que por estes dias deverão chegar mais quatro ou cinco hidros iguais aos que ontem chegaram.

Os trabalhos do campo de aterragem, em execução, que haviam sido paralizados por algum tempo, estão agora em nova fase de andamento regular, procedendo à continuação do desatêro, terraplanagem e pavimentação com lamas da ria.

Deu entrada, em 20 do corrente, o navio Santa Regina, proveniente do Porto, com carregamento de bacalhau, tendo-lhe sido prestado reboque pelo rebocador «Neiva».

Com o previsto melhoramento das condições da barra, pelas obras em execução e a executar, a frota bacalhoeira da praça d'Aveiro tende a aumentar sensivelmente. Assim, pela firma Brites, Vaz & Irmão, de Ilhavo, foi já adjudicada aos estaleiros de construção naval, da Gafanha, a construção de um grande barco de 4 mastros, de 900 T. e com motor. Outras firmas há que pensam aumentar, também, o seu número de barcos para a pesca do bacalhau.

Com o fim da época balnear, as carreiras de camionetes para transporte de passageiros, entre Aveiro e a Barra, ficaram a ser feitas apenas pela camionete «Flôr Branca» que, diariamente, parte d'Aveiro às 11,30 e às 16,30 h. e da Barra para Aveiro às 8 e às 14,45 h.

G.

Sociedade

Faz hoje anos o nosso amigo, sr. Acúrcio Maia de Albuquerque, professor oficial no Silveiro. As nossas felicitações.

Deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso assinante, sr. Manuel Santiago, empregado comercial nesta vila.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O meu cantinho

OIS DA RIBEIRA, 23-II-1934

Que nos conste, até á data em que escrevemos, ainda ninguém desta freguesia foi pagar a percentagem que a Federação Vinícola concelhia exigiu respeitante á colheita do vinho de 1933, muito embora nos avisos desse grémio fôsse marcado o prazo de 10 dias para o efeito de pagamento. O povo está descontentíssimo com tal pretensão e disposto a ir até aos tribunais, se tanto fôr preciso.

E' certo existir um decreto que obriga todos os lavradores, que tiverem de 250 almudes de vinho para cima, ao pagamento de 18 % á Federação, mas o que também é certo é que já lá vem de tempos muito remotos o uso e costume de todas as pensões serem recolhidas até ao chamado dia de S. Miguel (30 de Setembro de cada ano). Cá temos, pois, em nosso modo de vêr, a base fundamental pela qual os srs. juizes podem dar a sentença, visto que a Federação nem sequer se propôs a arrecadar a referida percentagem dentro desse prazo. Além disso, toda a gente prova que uma grande parte dos lavradores levou os seus vinhos á análise ali ao laboratório de Espinhel, sendo quase todos reprovados por não terem a graduação alcôolica que a lei exige, e, se muitos lavradores ali o não levaram, foi pura e simplesmente por verem que as reprovações eram constantes e os vinhos aprovados não tinham saída, como ainda nesta data acontece, pois ainda não safu um litro desta freguesia. Ao mesmo tempo também se pode provar perante os tribunais que todos os lavradores reservaram vinho nas suas adegas até depois da última colheita, com grave prejuizo seu, devido á falta de vasilhame, á espera que a Federação viesse tirar a maquia, aliás exageradíssima, o que ela não fez, ocasionando a venda desse vinho a comerciantes por dez reis de melcoado. É aqui estão os benefícios que a Federação trouxe aos lavradores!

Nós somos pelo comércio livre. Mas, admitindo a existência da Federação, devia esta tirar todos os vinhos que não tivessem defeitos, pagá-los a um tanto por grau, e nunca levar mais de 5 % sobre o vinho disponível para a venda.

Em conclusão: o melhor serviço que o governo nos podia prestar, era isentar o concelho de Agueda de estar sujeito a qualquer Federação, visto que os vinhos desta região nunca poderão atingir os graus que lhes são exigidos. Dirão os interessados que estão como empregados na Federação: se os vinhos não prestam, arranquem as videiras. E nós preguntamos: aonde é que os lavradores hão-de ir buscar o dinheiro para custear as suas despesas e pagar os seus impostos?

Trata-se nesta freguesia da instalação da luz eléctrica. Para isso já uma comissão foi constituída. Oxalá a electrificação da nossa terra

seja um facto e não suceda o mesmo que sucedeu com a ponte.

Na noite de domingo para segunda-feira ultima foi agredido estúpida e violentamente, á paulada, Joaquim Pires da Costa, rapaz inofensivo, que recebeu graves ferimentos na cabeça, pelo que teve de ser radiografado no hospital de Agueda. Foi dada participação em juizo.

Bastante incomodado de saúde, tem estado o nosso bom amigo, sr. Aureo Alves de Almeida, desta freguesia, achando-se porém quase restabelecido, com o que muito folgamos.

Com um grave ferimento numa das mãos, felizmente quase debelado, tem estado o nosso bom amigo, sr. Alexandre Pires Soares, motivado por uma queda da bicicleta.

Acompanhados pelo nosso particular amigo, sr. dr. António Pinto, ali de Fermentelos, deram-nos a honra da sua visita, que muito nos penhorou, os srs. Major Alexandre Loureiro, dr. José António Viuvo e dr. Domingos Ramon, todos de Coimbra.

C.

Foot-ball

No domingo encontraram-se no Campo de S. Sebastião, desta vila, em desafio, o «Sport Club Oliveirense» e um team de Avelãs de Caminho. O jogo decorreu sem interesse, em virtude da inferioridade do grupo visitante, que foi derrotado por 17-0.

No próximo domingo, 2, desloca-se a Sôsa, onde vai jogar com o grupo dali, o team de honra da nossa terra.

LUTUOSA

Na Póvoa do Carreiro (Troviscal) faleceu, muito nova ainda, a virtuosa esposa do sr. Mário dos Santos Pato — Izaura Fresco de Almeida Pato — cujo passamento foi muito pranteado não só naquela freguesia, mas também na de Oliveira do Bairro, pois a saudosa extinta era natural ali de Vila Verde.

O funeral civil foi a demonstração de quanto era estimada, nele se incorporando muitas centenas de pessoas de todas as classes sociais.

Por notícias vindas do Brasil, sabe-se ter falecido no Rio de Janeiro, onde estava há bastantes anos, o nosso conterrâneo, sr. Joaquim Pataco. Era ainda relativamente novo. A sua morte foi muito sentida; pois deixa viuva e alguns filhos ainda menores.

Vitimada por uma hemorragia cerebral, faleceu no dia 13 do corrente, na Alagôa de Vila Verde, a sr.^a Rosa Dias, de 78 anos de idade, extremosa mãe do nosso assinante, sr. João d'Oliveira. O enterro foi concorrido.

A's famílias em luto, a expressão do nosso pesar.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

NOTÍCIAS DE BUSTOS

Vinicultores — No dia 11, os vinicultores desta freguesia, Mamarrosa e Palhaça, alarmados com a inesperada exigência do imposto de 18% sobre a produção vinícola de 1933, reuniram-se aqui, em grande número, a fim de resolverem a melhor forma de fazer chegar ao conhecimento de quem de direito que tal contribuição é incompatível com a sua actual situação económica.

José Vieira — Adoeceu gravemente, na sua casa do Sobreiro, onde foi operado na garganta pelo distinto especialista de Coimbra, sr. dr. Ferreira da Costa, o importante proprietário e capitalista, sr. José Vieira.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Estradas — Ainda em reparação a estrada que liga esta localidade a Ouca, e que se encontrava num estado verdadeiramente lastimoso.

Falecimento — No dia 13 do corrente faleceu, com 29 anos, a esposa do sr. Manuel Ferreira do Vale, irmã dos srs. Joaquim e António Simões Tribuna e cunhada do sr. Diamantino Tarrafo.

O seu funeral, a que assistiu a banda de música da Mamarrosa, constituiu uma impressionante manifestação de saudade.

Os nossos pêsames aos doridos.

(Correspondente).

BAILE

No domingo, 2 de Dezembro, realiza-se no Salão de Beneficência e Recreio, desta vila, um baile promovido pelo «Sport Club Oliveirense» e abrilhantado pelo popular Jazz «Águia Azul».

Mais uma vez a mocidade terá ocasião de gosar um pedaço de noite bem passada.

VIOLINO

VENDE-SE um, da marca Ioseph Guarnerius, Filius Andez, construído em S. Teresie (Cremona) em 1714.

Correspondências

Paredes do Bairro, 18.

FALECIMENTO — Apenas com 55 anos de idade, finou-se, ao declinar do meio da linda, tépida e acariciadora tarde do dia 4 do corrente, neste lugar, o abastado proprietário, sr. Manuel Rodrigues de Almeida Júnior, tendo sido improficuos para o salvar os recursos da medicina e todos os desvelos e carinho da família.

O extinto nasceu no sertanejo lugar do Ribeiro da Gândara aí pelo ano de 1879 e descendia duma família ilustre e das mais abastadas da freguesia de S. Lourenço do Bairro. Consorciou-se, há 23 anos, aqui neste lugar, com a sr.ª D. Margarida de Almeida, filha do também abastado proprietário, já falecido, sr. Manuel Alves da Silva.

Alma lusiada e benévola, nunca deixou de ouvir uma súplica; grande benemérito, a sua bolsa estava sempre pronta a fomentar o progresso do seu lugar e a cicatrizar as feridas da miséria.

Ninguém, como êle, sabia sorrir áquelles que lhe pedissem um conselho ou solicitassem a sua opinião a bem da sua terra adoptiva. E, assim, o finado, pelo seu trato lhano e afável, pelo seu caracter impoluto e ilibado e pelas excelsas qualidades de homem de trabalho, sempre honesto, sempre digno, era muito benquisto de todos os seus conterrâneos.

A sua morte foi muito sentida e pranteado por quantos o conheciam; e o seu funeral, que se realizou no dia 5, foi a maior manifestação de pesar que se tem visto na freguesia de S. Lourenço do Bairro. Foi uma apoteose!

Morreu bem com Deus e com todos os homens. Sobre a sua sepultura não irão cair as maldições dos inimigos, porque os não tinha; mas cairão, sim, de envolta com o pranto da viuvez e os beijos da orfandade, as lágrimas de saudade dos seus amigos, que muitos eram.

«Oh! ave gigante, bate as azas ao vento, libra-te no espaço luminoso e vai fitar de frente o sol radiante da glória». Paz à sua alma!

Durante o percurso, até ao cemitério da Cruz, onde ficou sepultado, organizaram-se os turnos seguintes para segurar às borlas da urna:

1.º, Joaquim Rodrigues d'Almeida, António Rodrigues d'Almeida, Manuel Rodrigues da Cruz e Joaquim dos Santos Patto. 2.º, Joaquim Gonçalves de Barros, Manuel Alves, Agostinho Seabra Ferreira e Lino Vicente Duarte das Neves. 3.º, Manuel Pereira Novo, António Simões, Avelino Simões e António Ferreira Pinto. 4.º, Professor António Francisco Castelão, Manuel Martins Rodrigues, José Maria da Cruz e José Luís Pereira Rodrigues (relojeiro). 5.º, José Augusto de Almeida, Evaristo Rodrigues de Almeida, Alexandre José de Figueiredo e dr. Paulo de Coimbra. 6.º, José Rodrigues Moraes (ajudante de farmácia), José Rodrigues Paraíba, Carlos António Rodrigues e Américo de Barros Almeida. 7.º, repetição do 1.º.

Como de costume, dirigiu o funeral o sr. Carlos Baptista, deste lugar.

A chave da urna foi entregue ao sr. Manuel Nunes Santiago.

C.

Agradecimento

Manuel Ferreira da Silva (ausente), Augusto de Oliveira (ausente), João de Oliveira, Maria Dias de Oliveira (ausente), Marcolina Dias Marques (ausente), Ducilia Dias de Oliveira, Marcos de Oliveira (ausente), Arménio de Oliveira (ausente), Joana Rosa de Carvalho Oliveira, Manuel de Oliveira (ausente), João Marques (ausente) e António Rato de Oliveira, veem por êste meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à última morada sua esposa, mãe e sogra — Rosa Dias, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária. Alagôa, 14—11—1934.

Quem perdeu?

Dentro da camionete que faz a carreira entre Luso, Aveiro e Costa Nova, da Empresa de Transportes Mecânicos de Luso, apareceu um objecto de valor, que se acha no escritório da referida Empresa à disposição da pessoa que se apresente a dar as indicações concretas que lhe forem exigidas.

Falta de espaço

Continua a apoquentar-nos a falta de espaço, pelo que ficam para o próximo número muitos originais.

Edital

António Tavares d'Araujo e Castro, Administrador do Concelho de Oliveira do Bairro:

F AÇO saber que, terminando no dia 31 do próximo mês de Dezembro, o prazo para a entrega de requerimentos pedindo licença para cultura de arroz, no próximo ano, assim como as declarações da área mantida em cultura, conforme determina o art. 1.º e seu § único, do decreto n.º 20.596, de 20-10-1931, por esta forma ficam avisados os cultivadores de arroz para requererem as respectivas licenças e fazer as competentes declarações, directamente à Direcção Geral dos Serviços Agrícolas do Ministério da Agricultura, ou por intermédio da Administração deste concelho, dentro do prazo legal.

Os requerimentos devem ser feitos em papel selado, com as assinaturas devidamente reconhecidas por notário, e sempre acompanhados de um selo fiscal da taxa de 2\$50, para ser aposto na licença a passar por aquela Direcção Geral. No caso de cada requerimento se referir a mais do que um arrozal, os selos serão tantos quantos os arrozais.

As declarações de manutenção ou modificação da área cultivada por arrozal, e para os quais já os interessados possuem licença, são feitas em papel comum.

Como a falta de licença é punida com a multa de 100\$00 por hectare ou fracção e a falta de declaração com a multa de 50\$00, também por hectare ou fracção, nos termos do art. 18.º do mencionado decreto, acho vantajoso vir dar a maior publicidade a estas disposições, para evitar que os orizicultores sejam multados por falta de licença.

Oliveira do Bairro, 12 de Novembro de 1934. E eu, Bernardo Alves de Seabra, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevo.

O Administrador do Concelho,

António Tavares d'Araujo e Castro.

NOVA

Oficina de Ferrador

António Alberto da Rosa & Filhos

Da Vila de Fermentelos

Ferrador, Alveitar e Castrador

FERRADOR E CASTRADOR

Diplomado com os seus exames pela Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, vem por êste meio fazer saber que acaba de abrir em Oliveira do Bairro uma nova oficina de ferrador, na antiga casa de ferrador, próximo da residência do sr. dr. Costa. Esta encontra-se aberta todas as quartas-feiras e aos domingos até ao meio dia. Recebem-se nestes dias todos os trabalhos pertencentes a esta arte, que se executam com perfeição e a preços rasoáveis.

Cartões de visita — Imprimem-se, com perfeição e rapidês, na TIP. POPULAR, desde 6\$000 o cento.

Fibro-Cimento LUSALITE

Material fabricado com cimento e amianto, o que há de melhor para o que a seguir é indicado:

Em chapas onduladas. (Para telhados e quaisquer outras coberturas.

Em chapas lisas. (Para tabiques, tétos, lambris, e outras variadíssimas aplicações.

Em tubos. (Para toda a espécie de canalizações, com diâmetros desde 50 a 400 mm.

Este produto, que se pode serrar, furar, pulir ou pintar, reúne consideráveis vantagens sobre o que até hoje se tem empregado para os fins a que o mesmo se destina.

Mostruário e esclarecimentos

Abecassis (Irmãos), Buzaglos & C.ª

OLIVEIRA DO BAIRRO

PRODUTOS PARA VINHOS

A **Farmácia Central**, de OIÃ, tem em depósito grande quantidade de produtos para tratamentos de vinhos, que vende aos melhores preços do mercado, fazendo descontos vantajosos aos revendedores.

Comprar todos êstes produtos na FARMÁCIA CENTRAL, de OIÃ, é ter a certeza de ganhar dinheiro.

Quinta em Oliveira do Bairro

Ainda não está vendida a Quinta do Vale do Mouro, situada à beira da Estrada Nacional n.º 40, que há meses andou anunciada neste jornal.

Resolveu-se vendê-la agora, livre e alodial, por um preço muito rasoável.

Quem pretender, deve dirigir-se, em Oliveira do Bairro, ao Ex.º Senhor António Tavares de Castro, ou ao seu proprietário—Manuel da Silva Teixeira.

Oliveira do Bairro, 27 de Junho de 1934.

VINHO MOSCATEL

S. LOURENÇO

Manuel de Matos Ala BUSTOS



Agência d'O Primeiro de Janeiro

RELOJOARIA NEVES

Dão-se todos os esclarecimentos

Livros escolares

1.ª E 2.ª CLASSES

Descontos para certas quantidades.

O depositário:

António S. Barata

Oliveira do Bairro

Adolfo R. d'Almeida Ribeiro

Miguel de França Martins

ADVOGADOS

Com escritório em frente dos Paços do Concelho e junto à Farmácia Barros, aceitam proações e encarregam-se da cobrança de dívidas.

Consultas—Quartas-feiras, das 11 às 4 da tarde; aos domingos, das 10 à 1 da tarde.

Ama de primeiro leite

Muito saudável, oferece-se. Falar na Rua Gustavo Pinto Basto, n.º 5 — AVEIRO.

